

TEXTO E ATORES: O teatro da comunicação científica

Maria das Graças Targino*

DINIZ, Débora; TERRA, Ana. **Plágio: palavras escondidas**. Brasília: Letras Livres; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. 195p.

* Pós-doutora em Jornalismo pelo Instituto Interuniversitario de Iberoamérica da Universidad de Salamanca, Espanha. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Brasil. Docente na Universidade Federal do Piauí e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
E-mail: gracatargino@hotmail.com.

Como o tema é plágio, paradoxalmente ou de forma provocativa, intitulamos nosso próprio texto tomando emprestado, literalmente, das autoras Debora Diniz e Ana Terra, trecho do título do capítulo um de sua obra “Plágio: palavras escondidas”.

Trata-se de tema que sempre nos fascinou. Por exemplo, nos anos 2000, graças a estímulo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por 12 meses, nos dedicamos, à exaustão, ao estudo de autoria e coautoria com suas vertentes em meio à proliferação da produção acadêmica e científica, proveniente, por sua vez, tanto do avanço paulatino das inovações tecnológicas no campo da informação e da comunicação, quanto da valorização paralela e exacerbada dessa produção para a corrida à ascensão profissional com verdadeira “corrida ao ouro” à pós-graduação” e ao publicar para ocupar espaço na academia e nos fóruns privilegiados.

Ora, se a qualificação do ensino e da pesquisa demanda e traz em si a publicação de resultados de novos achados como condição essencial ao desenvolvimento de qualquer especialidade, segmento, grande área, nação e população, é evidente que deve vir acompanhada do cuidado extremo com a qualidade da produção. Porém, por mais que se argumente o contrário, indiretamente, a luta insana que

se trata entre quantidade e qualidade nos bastidores das academias e dos institutos de pesquisas, às surdinas, favorece aos que tendem a comportamentos menos éticos a adotarem uma série de medidas contrárias ao respeito à autoria, as quais são descritas por Debora e Ana, autoras de formações distintas, a primeira, linguista; a segunda, antropóloga, mas ambas amantes das palavras.

Edição conjunta entre Letras Livres (Brasília) e Fiocruz (Rio de Janeiro), ano 2014, “Plágio: palavras escondidas” chama atenção por vários itens. Entre eles, condensamos três. Em primeiro lugar, a completeza da discussão, que vai da ética que deve existir desde sempre no processo editorial até o alcance dos cada vez mais numerosos e acessíveis *softwares* caça-plágios.

Em segundo lugar, é tênue a linguagem técnica e a linguagem “brincalhona”, onde uma mulher submissa mescla seu espanto com indignação, e é entre imagens esclarecedores “jogadas” no decorrer das páginas que os leitores se deparam com a diferença entre termos que vagueiam nosso cotidiano – cópia literal, citação literal, pastiche, paráfrase, intertextualidade e imitação criativa. Mas nada fica “jogado”. Ao final, sob o rótulo “inquietações”, as autoras trazem uma série de questões usuais (página 137) formuladas em linguagem bem simples

com as respectivas respostas para elucidar de forma mais rápida. Há, ainda, mais adiante, p.159 e, respectivamente, p.171, rotas e vestígios, indicações complementares. Os assuntos tratados estão indexados na página 181 e as próprias imagens antes citadas estão listadas na página 189.

Há muito mais. Quem nunca participou de discussões acirradas sobre a colocação ou não do nome dos orientadores e / ou coorientadores na condição de autor principal ou coautor? E sobre a posição sequencial dos autores? E o uso do *apud* (citado por) para expressar uma fonte indireta? Há ou não autoplágio? Este é um tópico que merece atenção profunda na obra porque há uma série de razões para que o autor repita trechos seus anteriores, incluindo o mais usual, qual seja, pretende dar prosseguimento às ideias iniciadas anteriormente:

Umberto Eco se repete em suas obras. Mas precisamos ler suas repetições para segui-lo no aprimoramento do argumento sobre os limites da interpretação. Trata-se de uma tese sensível, pois sustenta que nem todas as interpretações de um texto são igualmente legítimas [...] Algumas repetições feitas por [ele] são literais, outras agregam detalhes textuais [...]

É desolador imaginar que uma leitura apressada das passagens possa descrevê-las como duplicações de si mesmo. Certamente, grande parte dos autores acadêmicos não são criativos [...] como Umberto Eco, portanto, não haveria razões tão nobres para a repetição. Mas pensar que pode haver sentidos argumentativos para a repetição sem que se anunciem infrações é um bom ponto de partida para a reflexão sobre a duplicação na literatura acadêmica (DINIZ; TERRA, 2014, p. 62-63).

E é este o terceiro ponto que chama muita atenção do livro – sua estrutura inovadora, impregnada de novidades conteudísticas e de formato bastante agradável – de tal forma que sua primeira leitura é recomendada para qualquer acadêmico independentemente do campo ou do nível e para qualquer cidadão atento às mudanças sociais. Mencionamos uma primeira leitura, porque é uma obra que precisa ser lida com maior cuidado mais de uma vez em busca de detalhes que se escondem aqui e ali, como prescrito em seu próprio subtítulo – “Plágio: palavras escondidas”.